



II Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Ernesto Laclau e seus Interlocutores
25 a 27 de setembro de 2017
Pelotas/RS – Brasil

Grupo de Trabalho 02 - Teoria do Discurso e Mobilizações Sociais na América Latina

“É GREVE GERAL”

Análise dos movimentos sociais no Brasil sob a visão de Ernesto Laclau

Sandra Barbosa Parzianello
Mestra em Ciência Política
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
E-mail: parzianellos@yahoo.com.br



“É GREVE GERAL”

Análise dos movimentos sociais no Brasil sob a visão de Ernesto Laclau

Sandra Barbosa Parzianello

RESUMO:

Este artigo tem dois objetivos centrais. Num primeiro momento, problematizar o antagonismo que circunda algumas manifestações sociais no Brasil e que culminaram na greve geral do dia 28 de abril de 2017. Em um segundo momento, nosso objetivo é analisar discursivamente sobre uma possível unificação simbólica de demandas a fim de refletir sobre a realidade no âmbito teórico, sobretudo, a partir do pensamento de Ernesto Laclau e sua obra *A Razão Populista* (2013). Para tanto, devemos nos apropriar de recortes da Internet, como imagens e textos que revelam a pluralidade de demandas populares que tomaram as ruas de muitas cidades. Nossas reflexões são sustentadas teoricamente pela Análise do Discurso laclauiana e temos como fio condutor a tensão política entre os cidadãos e o governo. Ao final pretendemos elaborar uma análise, sobretudo no âmbito da política brasileira apresentando as potencialidades explicativas a partir do conceito de populismo, que muitas vezes carrega um viés pejorativo de existência.

PALAVRAS-CHAVE: Greve Geral; Ernesto Laclau; Teoria do Discurso; Hegemonia; Populismo.

Introdução

Os movimentos sociais no Brasil, em especial a partir de 2013¹, tornaram-se fenômenos e objeto de reflexão em muitas análises de estudiosos das Ciências Sociais e da Ciência Política. Muitos estudos elaborados sobre esses movimentos

¹ Quando ocorreram várias manifestações populares por todo o Brasil e ficaram conhecidos como: “Manifestações dos 20 centavos”; “Manifestações de Junho” ou “Jornadas de Junho”.



abordam basicamente sobre um elemento comum, significando o surgimento de um novo ciclo. Nessa perspectiva, tomando o movimento que culminou na Greve Geral do dia 28 de abril de 2017, problematizamos o antagonismo que circunda algumas manifestações sociais no Brasil.

Neste contexto, o que observamos a partir das principais imagens que retrataram a Greve Geral, é um tipo de enfrentamento ao sistema político e contra o atual governo, causando a impressão de que em tese, não representariam uma clara posição ideológica. Esse acontecimento se construiu, potencialmente, sob a possibilidade de satisfação das diversas demandas e sentido discursivo da reivindicação que por consequência acabaram por reproduzir implicações na dinâmica política contemporânea.

Para abordarmos essa complexa relação entre as demandas antagônicas, intrínsecas à Greve Geral, o texto está dividido em três seções. Iniciaremos contextualizando a conjuntura política e social brasileira, abrindo espaço às divergências que tomaram as ruas de muitas cidades com os movimentos sociais, o que nos dará um breve recorrido pela história com a apropriação de recortes da Internet, como imagens e textos que revelam a pluralidade de demandas populares e a construção de sentido da luta política. Na segunda seção, nosso objetivo é analisar discursivamente sobre uma possível unificação das demandas a fim de refletir sobre a realidade no âmbito teórico, sobretudo, a partir do pensamento de Ernesto Laclau e sua obra *A Razão Populista* (2013).

Para entender esse momento, abrimos o debate à análise de pelo menos dois aspectos. Um sobre a possibilidade e articulação entre as diversas demandas que se revelaram plurais em meio a Greve Geral e outro, sobre as instituições que, em alguma proporção, alteraram as relações sociais em um momento histórico muito frágil, com acentuada crise econômica e política. Ao final, esperamos contribuir sobre a importância da teoria laclauiana e de suas categorias para a análise e reflexão sobre este tema no contexto acadêmico. Ciente de que se trata de uma teoria nova, em ascensão e que merece um espaço de interlocução, nos desafiamos às reflexões políticas na contemporaneidade.



Momento, conjuntura política e social brasileira

Talvez o grande “divisor de águas”, que passou a provocar sentidos na sociedade, foram as “Jornadas de Junho de 2013” e o consequente choque aos representantes do sistema político brasileiro, que se demonstraram apáticos devido à grandiosidade dos acontecimentos. As demandas foram numerosas, muitas delas apolíticas e sustentavam ranços em torno da histórica polaridade² político-partidária. Nesta fase, também foram notórias as investigações que colocavam em xeque a credibilidade de algumas instituições.

Um novo ciclo de mobilizações sociais fez das ruas um grande palco democrático, em especial nos últimos quatro anos. A multiplicidade, a pluralização das ações coletivas sob as diversas demandas, e a dinâmica política, sempre protagonizada pelos representantes do sistema político brasileiro, passou a ser tomada por atores sociais que despertaram a busca de sentidos e significações, centrados em temas muitas vezes particulares, somadas às demandas coletivas, focadas em aspectos sociais e políticos. O sistema político brasileiro colaborou no sentido de caracterizar essas mobilizações.

Essas mesmas experiências tratadas por “Jornadas de Junho”, agrupadas por André Singer como “acontecimentos”³ foram, segundo a visão do autor, marcadas por jovens de classes diferentes. Segundo Singer, conviveram pelo fenômeno das mobilizações na tentativa de, em alguma medida, impor e submeter as suas vontades. Sobre as necessidades advindas dos cidadãos e de suas relações econômicas de mercado, Singer extraiu:

Enquanto um grupo de jovens da periferia promovia uma espécie de “passe livre já” por meio do “pula catraca”, jovens de classe média gritavam para eles: “sem vandalismo, sem vandalismo”. Depreende-se do relato que os dois grupos chegaram às vias de fato. A julgar pela história narrada, houve uma

² Aqui nos referimos à divisão política que existe no Brasil colocando de um lado, predominantemente, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que elegeu Fernando Henrique Cardoso (FHC) para Presidente da República em 1994 e 1998 e de outro lado, o Partido dos Trabalhadores (PT) que elegeu e reelegeu Luiz Inácio Lula da Silva como Presidente do Brasil (2002 e 2006) e sua sucessora Dilma Vana Rousseff como a primeira mulher Presidenta do país em 2010 e 2014 (vindo a sofrer o *impeachment* em 2016).

³ BRASIL, JUNHO DE 2013: Classes e ideologias cruzadas. Dossiê: Mobilizações, protestos e revoluções. Novos Estudos, CEBRAP 97, novembro 2013, pp. 23-40



tensão latente, às vezes transbordante, entre as duas camadas sociais que marcaram as manifestações. (SINGER, 2013, p. 40).

Este fato apenas é ilustrativo, do limite pelo qual o povo estava passando, somado à sombra das diferenças em que de um lado a mobilização cidadã visa uma ruptura com a ordem, ao tempo que almeja fundamentalmente ganhos para a coletividade. Todavia, neste plano democrático, esses fatos estão intrínsecos ao aprimoramento dos serviços sociais e à melhoria da qualidade de vida das pessoas, que se constituem numa articulação discursiva e representam a promessa de plenitude pois, “(...) a democracia participativa aplaude o forjamento da solidariedade como uma virtude principal da democracia”. (CUNNINGHAM, 2009, p. 148).

Ao longo dos últimos quatro anos as demandas se tornaram tão múltiplas que se perderam entre temas ligados à liberdade, direitos trabalhistas, ampliação da democracia, justiça social, entre tantas outras como o pedido de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, pelos “novos caras pintadas”. Se por um lado perdurava uma mobilização ativa com propostas de liberdade e igualdade, por outro se mantinha as diferenças do ponto de vista neoliberal e conservador, chegando até a defender o retorno da ditadura militar, numa reação contra os políticos que nos representam e as instituições político-partidárias⁴.

Com o desenvolvimento do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016, e sua destituição do cargo⁵, alguns entenderam que fora atingido o desejo de plenitude, ou seja, que a crise econômica e os casos de corrupção, atribuídos em especial a determinado grupo político, tomariam um caminho possível e inteligível de solução, o que não ocorreu pois, conforme Ernesto Laclau (2013) não há força ou grupo social privilegiado.

O que vivenciamos no Brasil contemporâneo e evidenciamos pela publicação de narrativas e imagens, conforme recortes da Internet em fotos e textos, se revela

⁴ A insatisfação com os partidos se traduz numa espécie de democracia na qual cidadãos desconfiados dos agentes institucionais têm consciência de seus direitos políticos. (TELLES, 2015, p. 32-33).

⁵ Dando lugar ao vice-presidente Michel Temer, conforme Constituição Federal. A cerimônia de posse presidencial ocorreu em 31 de agosto de 2016, mesmo dia em que o Senado Federal aprovou, por 61 votos favoráveis e 20 contrários, o *impeachment* de Dilma Vana Rousseff.



pela articulação⁶ de alguns grupos organizados em diversos momentos⁷, que expressam a pluralidade das diversas demandas populares e provocaram sentidos pela ocupação das ruas em muitas cidades, o que permite um breve relato sobre os acontecimentos e da história recente do país, organizados pelos movimentos sociais.

Neste contexto, como pensar as práticas e articulações discursivas entre demandas, que se estabeleceram durante a Greve Geral em 28 de abril de 2017⁸? Em quais momentos os antagonismos se constituem, delineando um terreno onde a hegemonia opera e representa a contingência da realidade social e política no Brasil contemporâneo?

À procura de refletir sobre essas questões, tomamos aspectos da instabilidade social e econômica do ponto de vista operacional, a partir de construções históricas, contingentes e discursivas. A teoria pós-estruturalista de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015), de abordagem metodológica desconstrutivista, surge como possibilidade e visão crítica de mundo. A análise sobre a contemporaneidade engloba, entre outros conceitos, o populismo que em Laclau, desconstrói o sentido pejorativo e torna-se uma forma de política hegemônica.

Os movimentos sociais possuem a capacidade de reunir inúmeras demandas que se articulam em determinado campo discursivo, divididas pela objetividade e suas particularidades assim como pela universalidade, o que permite a formação de uma linha antagônica, um discurso contra hegemônico em relação ao governo estabelecido e, ou, ao sistema político.

O que queremos destacar é que a política como prática de criação, reprodução e transformação das relações sociais não pode ser localizada num nível determinado do social, já que o problema do político é o problema da instituição do social, isto é, da definição e articulação das relações sociais num campo atravessado por antagonismos. (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 236).

⁶ (...) qualquer prática que estabeleça uma relação entre elementos de tal modo que a sua identidade seja modificada como um resultado da prática articulatória. (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 178).

⁷ As posições diferenciais, na medida em que apareçam articuladas no interior de um discurso, chamaremos *momentos*. (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 178).

⁸ Alguns tentaram fazer uma alusão à primeira Greve Geral realizada no país, que completou 100 anos no mês de julho, quando questões relacionadas ao movimento operário também pautava assuntos como o controle de preços de alimentos e dos aluguéis. Porém, aquela paralisação, de 1917, durou mais de um mês e não foi pensada originalmente para ter um caráter geral.



A teoria laclauniana torna-se ferramenta de análise política e social à medida que a aplicação de suas categorias corrobora para explicar os fenômenos políticos e sociais. Sendo assim, ampliamos este debate a fim de esclarecer sobre as divergências a partir dos diferentes planos, em que temos campos discursivos e práticas articulatórias que constituem o espaço da luta política. “Falaremos, portanto, de lutas *democráticas* onde estas impliquem uma pluralidade de espaços políticos, e de lutas *populares* onde certos discursos constroem *tendencialmente* a divisão de um único espaço político em dois campos opostos.” (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 217).

A Greve Geral do último 28 de abril, paralisou os serviços públicos principalmente, nas principais capitais do país como São Paulo e Rio de Janeiro. Convocada por nove centrais sindicais, entre elas a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e, as frentes “Brasil Popular” e “Povo Sem Medo” contra as reformas da Previdência e trabalhista e a Lei da Terceirização, o movimento contou também com a adesão e o estado de greve de algumas categorias das forças de segurança pública, policiais federais e policiais civis, em diversos estados da federação. Pela articulação⁹ de diversas demandas, muitas manifestações de ativistas e militantes tomaram as ruas, entre os quais: o movimento dos sem-teto (MTST), movimento negro, sindicatos de diversas categorias como dos metalúrgicos, ferroviários, limpeza pública, bancários, professores, profissionais da saúde, judiciário, líderes de movimentos sociais, movimentos estudantis entre outros, que inflaram um cenário de tensão contra o atual governo, repercutindo em entrevistas e declarações, o que acentuou uma suposta divisão entre trabalhadores e o governo.

Ao longo de décadas a luta de diversas categorias classificou as greves como uma defesa dos direitos dos trabalhadores e geralmente, estabelecendo uma luta imediata entre uma empresa e seus trabalhadores. O perfil grevista mudou no início do século XXI, segundo a avaliação do técnico, Luiz Ribeiro¹⁰, do Departamento

⁹ A prática da articulação, por conseguinte, consiste na construção de pontos nodais que parcialmente fixam significados, e o caráter parcial desta fixação procede da abertura do social, um resultado, por sua vez, do constante transbordamento de todo o discurso pela infinitude do campo da discursividade (LACLAU e MOUFFE, 2015).

¹⁰ Em entrevista à reportagem de Rafael Tatemoto, publicada por Brasil de Fato, 12-04-2017. <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/566670-greve-de-28-de-abril-acontece-100-anos-apos-primeira-greve-geral-brasileira>. Acesso em: 23 agos. 2017.



Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). A pauta deste ano refere-se a denúncias sobre as alterações das regras da Previdência, que alteram as aposentadorias e os benefícios. Sobre este movimento, Ribeiro analisa:

Nós consideramos a greve chamada para o dia 28 como política, porque reivindica a defesa de direitos universais, de toda a classe trabalhadora. A greve geralmente se relaciona de forma direta com uma empresa. A greve política transcende essa relação imediata, envolve os grandes temas nacionais. (RIBEIRO, IHU *Online*).

O espaço de luta política que se instalou levou a algumas declarações, entre elas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em entrevista à Rádio Brasil Atual¹¹ Lula comemorava: “O movimento sindical e o povo brasileiro estão fazendo história”, e segue articulando um discurso e sentido de luta política contra as ideias do atual governo sobre as reformas: “Lamento profundamente, mas não tem outro jeito senão continuar lutando para recuperar e melhorar direitos e a qualidade de vida do povo brasileiro”, reforçou Lula.

Nesse ponto, é exatamente onde Laclau e Mouffe (2015) analisariam o discurso pela possibilidade de relacionar diversos elementos em um só sentido, uma hegemonia¹² que procura estabelecer uma ordem sempre contingente. “Ou seja, a hegemonia pressupõe uma representação constitutivamente distorcida ou opaca, já que sempre haverá um antagonismo persistindo, que fecha a possibilidade de que tal representação seja total e transparente consigo mesma.” (BIGLIERI, 2017, p. 25).

O referencial histórico do Partido dos Trabalhadores (PT) e do ex-presidente Lula, reforçam a ideia de luta pelos direitos sociais que, pelo fio condutor da articulação política, reforçam o discurso dando a noção de sutura, a fim de recuperar a qualidade de vida dos brasileiros, distinguindo e identificando os diferentes elementos que entram na composição de uma formação hegemônica, por consequência que se enquadram aos movimentos populares.

Dessa forma, precisamos observar que a hegemonia aponta para a ausência

¹¹ <http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2017/04/lula-comemora-sucesso-da-greve-geral-nao-tem-outro-jeito-senao-continuar-lutando>. Acesso em: 23 agos. 2017.

¹² A hegemonia é uma operação retórica na qual um elemento sobredeterminado vem a metaforizar uma série de elementos, interrompendo o deslizamento metonímico que pressupõe a lógica da diferença. (BIGLIERI, 2017, p.26).



de totalidade e para a tentativa de recompor e rearticular as lutas que já construíram algum significado e que movem forças históricas. Portanto, a hegemonia dá-se no campo da ideologia, que opera pela articulação de significantes flutuantes, e “tal fixação precária é o que Laclau e Mouffe virão a denominar hegemonia.” (BIGLIERI, 2017, p. 25).

A ideia de luta é enunciada em cadeia, que no caso dos movimentos foram representados em diversas faixas e cartazes como: “# vem pra Luta”; “Vem pra luta! Contra as reformas”; “Luta vence tesoura!”; “Venha conosco lutar por seus direitos!”; “Venha preparar a grande batalha de Abril, em Diadema e no Brasil!”; “Eu vou pra luta!”; “Todas e todos nas ruas na luta por nenhum direito a menos”; “Vem pra luta você também!”; “Urbanitários do Maranhão na luta”; “Luta e organização”; “Policiais civis em luta!”; “Venha participar dessa luta contra a reforma da previdência e a reforma trabalhista”; “vamos lutar pela manifestação dos nossos direitos”; “Professores em luta” entre tantos outros conteúdos que procuraram estabelecer verdades, excluindo do campo da significação outros significados.

A sensação de incompletude sentida pelo povo e que provocaram os movimentos buscam “a representação de uma totalidade que é completamente incomensurável a respeito de si mesma (daí a constitutiva distorção da representação) é o significante vazio”. (BIGLIERI, 2017, p. 26). Para a teoria laclauiana toda fixação de sentido é precária, e a expressão disso é justamente a partir da relação antagônica. A exemplo dos discursos políticos, luta-se por estabelecer verdades procurando excluir o antagônico, numa tentativa de constituir uma identidade, que marca a diferença e a constituição de um outro discursivo.

Marcando esta fronteira¹³ e, uma postura de resistência às pressões o governo ameaçou¹⁴ cortar o ponto dos servidores que estariam se somando ao movimento e, portanto, contra as reformas da Previdência e Trabalhista e a Lei da Terceirização. O ministro da justiça, Osmar Serraglio, em declaração à Rádio CBN¹⁵ afirmou que na

¹³ Se constituem na dinâmica social e depende da exclusão de outras formações discursivas, em que os sujeitos e a sociedade são nomeações precárias, sujeitas aos deslocamentos e às subversões.

¹⁴ <https://www.cartacapital.com.br/politica/temer-ameaca-cortar-o-ponto-dos-servidores-que-aderirem-a-greve-geral>. Acesso em: 23 agos. 2017.

¹⁵ <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/04/1879464-greve-e-um-fracasso-na-avaliacao-do-governo-afirma-ministro-da-justica.shtml>. Acesso em: 23 agos. 2017.



avaliação do governo a greve foi um fracasso. “Estamos iniciando o dia, mas aparentemente é uma greve que inexistente”, disse o ministro que limitou o movimento “à ação de sindicalistas”.

Considerando o pensamento de Laclau e Mouffe (2015), o político é colocado em uma posição de cientificidade, em uma dimensão que nos possibilita a tarefa de reflexão sobre a contemporaneidade e a democracia. Os recortes que elencamos acima revelam um discurso fixado por práticas articulatórias, na tentativa parcial de fixação de sentidos e que não é pleno. Ernesto Laclau define o discurso como uma totalidade estruturada pela prática articulatória, logo, nesta linha de raciocínio se assume uma precariedade discursiva, portanto, uma provisoriedade. Esta análise nos indica que a prática articulatória segue um caminho pela tentativa de dominar o campo da discursividade. Para ressaltar esse aspecto destacamos a seguinte citação:

Referimo-nos ao “discurso” como um sistema de entidades diferenciais, isto é, de momentos. (...) tal sistema só existe como limitação parcial de um “excesso de sentido” que se subverte. Sendo inerente a toda situação discursiva, este “excesso” é o terreno necessário à constituição de toda prática social. A ele chamaremos de o *campo da discursividade*. (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 186).

Neste enquadramento o governo revela o seu fracasso retoricamente, à medida que, procura contornar a situação desqualificando os movimentos e na sequência o direito dos trabalhadores em se manifestar sob a ameaça de cortar o ponto daqueles que forem contra o seu direito democrático de se posicionar e exigir dos representantes mais atenção às demandas. O governo não reconhece as próprias fraquezas, procura romper com o sentido de fracasso como reflexo de posturas oportunistas, que ameaçam garantias trabalhistas e previdenciárias, até aquele momento.

Ser indiferente aos fatos, neste caso às ruas, é se eximir de qualquer responsabilidade na tentativa de outra fixação de sentido, que está no embate com outro. A complexidade que se estabelece implica na ideia de sobredeterminação¹⁶ sujeita a muitas variações em que os acontecimentos colaboram para determinar a

¹⁶ O conceito de sobredeterminação é constituído no campo do simbólico, e não tem qualquer sentido fora dele. (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 169).



identidade. O sentido para a possibilidade da “canetada”, ao cortar o ponto dos servidores gera um deslocamento desse sentido, quando uma categoria se tornaria significativamente mais excluída, (re)definindo as próprias posições de sujeito.

A complexidade entre líderes e liderados

A Greve Geral brasileira de 28 de abril, contra as reformas trabalhista e da previdência obteve seu êxito ao unificar algumas das principais centrais sindicais do país que ocupavam campos opostos há alguns anos. Com a formação dos movimentos o Brasil foi palco de grande visibilidade para o mundo, sobre o descontentamento de várias classes de trabalhadores a fim de exigir representatividade e retorno efetivo para suas demandas¹⁷.

O povo ressignificou sua insatisfação através da greve e contra a forma de dominação política e excludente que se perpetua ao longo da história do Brasil por diversos e diferentes governos, gerando reivindicações e um antagonismo constitutivo entre o mundo político, suas instituições e o fluxo de ações das organizações civis. Segundo a análise de Laclau e Mouffe (2015) não se deve negar que a intervenção do político deva existir, mas, as relações de subordinação são questionáveis.

Para tratar sobre a complexidade no atual contexto político e social, a teoria laclauniana através de suas categorias, provoca um trabalho de análise sobre o desenvolvimento e a noção de discurso. Para tanto, Laclau e Mouffe (2015) rejeitam a distinção entre práticas discursivas e não discursivas. Conforme Céli Regina Pinto (1999) essa noção aparece pela primeira vez no livro sobre a teoria marxista, no capítulo que há um aprofundamento dos estudos sobre o conceito de populismo.

O conceito desenvolvido por Laclau explora o social e a possibilidade de uma série de sentidos que não tem, necessariamente, ligação entre si. Desta forma, a política se insere em um quadro de indeterminação e complexidade em que se formam situações antagônicas, próprias da sua existência. O antagonismo, no momento

¹⁷ Um conceito que Laclau considera como ambíguo: “pode significar uma solicitação, mas também pode significar uma exigência, por exemplo “exigir uma explicação.” (2013, p. 123).



político, torna possível a dinâmica dos movimentos sociais, pois só há um posicionamento devido à existência do contraditório.

A constituição do sentido populista¹⁸ só se dá pelo caminho e avanço da política¹⁹. A lógica fundada a partir da construção do povo, onde evidenciamos o grau populista, se constitui no vazio da completude, ou seja, há um discurso que faz sentido a um número de pessoas pela imprecisão discursiva e que, supostamente, atende as diversas e diferentes demandas. A ambiguidade de significado para o conceito de demanda, segundo Laclau: “(...) é útil para nossos propósitos, pois é na transição da solicitação para a exigência que iremos encontrar um dos primeiros traços do populismo.” (2013, p. 123).

A demanda enquanto falta ou necessidade solicitada, se, atendida funciona pela lógica da diferença. Porém, quando as solicitações não são atendidas se transformam em frustrações e conseqüentemente em exigências. O início do populismo está neste contexto de dualidade entre uma e outra demanda, que se define por lógica da equivalência²⁰.

Neste sentido, o que a Greve Geral trouxe de específico não se limitava às ações dos parlamentares sobre as reformas da Previdência e Trabalhista e a Lei da Terceirização. A maior característica era de luta contra o governo, não apenas em retorno financeiro, mas um retorno social, reivindicados por diversas categorias visto a capacidade de independência na organização de diversos setores da sociedade, na maioria, sob uma essência revolucionária. Logo, o que nos remete à existência de uma heterogeneidade na cadeia de equivalência, visto pelo discurso das ruas. “Onde os critérios econômicos são contraditórios, a luta política e ideológica exercerá um papel determinante na definição dos interesses de classe.” (LACLAU e MOUFFE, 2015, p.152).

Conforme Laclau (2015), o discurso tem e produz sentido. Deste ponto, é possível compreender como as demandas formam os grupos e podem se constituir

¹⁸ Segundo Laclau, podemos ver o populismo como um modo de constituir a própria unidade do grupo. (...) “o povo” não é uma expressão de natureza ideológica, mas uma relação real entre agentes sociais. (2013, p. 122).

¹⁹ Preocupado em explicar o populismo como uma lógica política, Laclau constrói uma argumentação num nível formal, entendendo o mesmo como uma categoria ontológica. (MENDONÇA, 2017, p. 49).

²⁰ A equivalência, porém, é precisamente aquilo que subverte a diferença, e assim toda identidade é construída no bojo da tensão entre a lógica da diferença e a lógica da equivalência. (LACLAU, 2013, p. 119).



em um significante, que assume e representa uma totalidade a partir de um significante vazio²¹. A Greve Geral de 28 de abril representou esta possível representação contingente. Foi também cenário de convergência entre os diversos movimentos sindicais, entre os quais, alguns que há anos ocupavam lados opostos na política, como a Força Sindical que teve seu líder a favor do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Por outro lado, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que sempre teve ligação com o Partido dos Trabalhadores (PT), manteve sua posição junto a Marcha Mundial das Mulheres (MMM), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), União Nacional dos Estudantes (UNE), Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) entre outros.

O movimento de Greve Geral não faz parte da cultura dos brasileiros. Os movimentos populares são tímidos em sua maioria, mas os reflexos são onerosos à sociedade. A própria opção em se manter em casa torna-se um discurso, um tipo de ação hegemônica sem, necessariamente, lotar ruas e avenidas. A Greve Geral revelou a mudança na rotina de cidades e lugares que, geralmente são ocupados por um grande fluxo de pessoas, onde o silêncio e a ausência discursam mais alto. As ruas durante a Greve Geral comprovaram a possibilidade, com o evento em si, de encontro com a nossa realidade e que este social, é o *locus* de tensão para a compreensão dessas relações sociais e políticas na contemporaneidade.

O ponto de fixação da greve se ampliou para o conjunto de direitos trabalhistas e previdenciários, adquiridos e consagrados há muitas décadas, inclusive, em governos autoritários. Este conjunto de elementos, segundo a teoria laclauniana, produziu uma cadeia de equivalência formada pela *plebs*²², os desprivilegiados que estão nas ruas e que foram reconhecidos desta maneira, como “povo”.

O governo desprestigiado pela opinião popular, recebeu um discurso negativo das ruas e várias formas de articulação em torno da ordem discursiva representado pelo “Fora Temer”. A indiferença gerada pelas instituições, em relação aos liderados, agilizou a tramitação das reformas pelo parlamento. O que temos enquanto quadro

²¹ Também chamado de ponto nodal.

²² (...). Ou seja, é o povo – a *plebs* que reclama ser o único *populus* legítimo – quem pode empurrar um processo de emancipações, vale dizer, de articulações contra hegemônicas, isto é, uma política radical. (BIGLIERI, 2017, p. 30).



histórico, político e social se movimenta em sentidos opostos, pois trata-se de relações de sentido divididos em dois pontos: o ponto do poder, ora desarticulado e que transforma o universo simbólico da representação e, o ponto do popular que reivindica direitos e que traça sentido pela “luta” a fim de modificar o *status quo*, o que na visão de Laclau se resume a um discurso que articula o povo.

Algumas considerações

A Greve Geral apontou para lógicas opostas, pois a forma e o sentido do movimento que ela significou aponta para a constituição de “povo” e a nomeação de um inimigo. O inimigo constituído, no caso o governo Temer, apesar de não se reconhecer como o maior responsável pelo impacto social gerado pela greve, só fez ampliar a tenacidade do movimento à medida que o descaracterizou, afirmando que este “inexistia”.

A proporção das demandas não atendidas, geraram um abismo constitutivo que passou a separar instituições e o governo, do povo. Devido esta articulação, passa a ser demarcada uma fronteira, onde se constituiu o inimigo. Neste caso, o evento se constituiu no estado de Greve Geral, já que colocou o povo nas ruas ou, foi chave para que muitos ficassem em seus lares, sem transporte público, acessibilidade e sem segurança, no sentido de uma radicalidade e de luta política.

O sentido de luta fez com que muitos buscassem na greve a solução para várias demandas que giraram em torno da injustiça social e da busca pela igualdade de direitos, uma oportunidade para que, discursivamente, declarasse a rejeição ao poder. Esta formação hegemônica de povo não percebe mais o parlamento como um lugar do poder representativo, constituinte da vontade do povo, justamente, por não suprir as demandas populares e o sentimento de incompletude.

Para Laclau a construção do povo dá-se fora das instituições e dos sindicatos, portanto. O discurso em torno das grandes causas e da defesa dos direitos, nem sempre populares, acabam por constituir momentos de instabilidade e precariedade. A Greve Geral unificou identidades e movimentos que não estavam mais em acordo,



através de demandas articuladas numa cadeia de equivalência que atingiram um sentido real para o povo.

A Greve Geral marcou a história como um momento em que chegamos mais perto, neste novo século, daquilo que dá o nome de “povo brasileiro”, não só de reação ao *status quo*, mas no sentido de ser e de existir politicamente. A teoria laclauniana permite este poder de análise sobre o momento, pelo “potencial de ser uma ferramenta de compreensão do social, uma vez que seu próprio entendimento dá-se, nesta perspectiva, a partir da construção de ordens discursivas, sendo a questão do poder central e constituidora de relações sociais.” (MENDONÇA, 2009, p. 1-2).

A categoria do populismo entendida por Laclau tem o seu momento definido, de acordo com a precariedade e a contingência em que surgem e se organizam as demandas e que se transformam em reivindicações, demandas equivalentes, portanto, adquirindo um sentido de “luta”. A ação discursiva depende, inclusive, da ação do outro, já que todo o antagonismo depende de um inimigo, que no mundo contemporâneo já não se resume somente às questões de classe.

Em uma sociedade, os discursos circulam e interagem simultaneamente por meio do que definimos como práticas articulatórias, que se resume nesse movimento e atribui sentidos, reformulando-os continuamente. Neste contexto, entendemos o populismo como uma forma de fazer, pensar e racionalizar a política contemporânea, mesmo sendo sob a apelação de expressões baseadas na incompletude, baseadas na igualdade e liberdade do povo.

A Greve Geral apontou para a ação do povo, de sujeitos sociais que emergiram e tomaram para si posições de equivalência no sentido de agregar pelo discurso e pela própria ação. Finalmente recordamos que a Greve Geral não representa sentidos e significados fixos e definitivos. É a partir da prática articulatória que os sentidos são possíveis, portanto, a construção das identidades e os sentidos ocorrem de acordo com a complexidade social e política, dando a oportunidade ao povo hegemônico.

Então, tomamos o populismo como um valor intelectual e pela perspectiva da nomeação “povo” numa contraposição ao institucionalismo, ao governo. O populismo é uma categoria laclauniana que dá conta de fundamentar a análise dos movimentos que invocam o “povo” e que constituem um inimigo, uma categoria que trata



analiticamente sobre o antagonismo geralmente representados entre aqueles que oprimem e os que são oprimidos.

Compreendendo que este espaço acadêmico é o lugar do conhecimento e da desconstrução de alguns paradigmas, tomamos esta oportunidade para firmar teoricamente que o termo populismo, no contexto político e social latino-americano, deva se desprender da carga negativa e pejorativa, para se tornar uma ferramenta capaz de tratar das complexidades inerentes ao político e à política.

REFERÊNCIAS:

BIGLIERI, Paula. Populismo e emancipações: a política radical hoje, uma aproximação (com variações) ao pensamento de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, Daniel, RODRIGUES, Léo Peixoto e LINHARES, Bianca de Freitas. **Ernesto Laclau e seu legado transdisciplinar**. São Paulo: Intermeios, 2017.

CARTA CAPITAL. **Temer ameaça cortar o ponto dos servidores que aderirem à greve geral**. #carta Online, 27 abril 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/temer-ameaca-cortar-o-ponto-dos-servidores-que-aderirem-a-greve-geral>. Acesso em: 23 agos. 2017.

CUNNINGHAM, Frank. Teorias da democracia: uma introdução crítica. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLHA DE S. PAULO. **Greve é um fracasso na avaliação do governo, afirma ministro da Justiça**. Folha Online, 28 abril 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/04/1879464-greve-e-um-fracasso-na-avaliacao-do-governo-afirma-ministro-da-justica.shtml>. Acesso em: 23 agos. 2017.

INSTITUTO HUMANITAS UNISSINOS. **Greve de 28 de abril acontece 100 anos após primeira Greve Geral brasileira**. Revista IHU On-line, 17/04/2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/566670-greve-de-28-de-abril-acontece-100-anos-apos-primeira-greve-geral-brasileira>. Acesso em: 23 agos.2017.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

_____. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.



_____, MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical.** São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.

MENDONÇA, Daniel de. **Como olhar “o político” a partir da teoria do discurso.** Revista Brasileira de Ciência Política, nº 1. Brasília, janeiro-junho de 2009, pp. 153-169.

_____. Por que não seria o “lulismo” populista? In: MENDONÇA, Daniel, RODRIGUES, Léo Peixoto e LINHARES, Bianca de Freitas. **Ernesto Laclau e seu legado transdisciplinar.** São Paulo: Intermeios, 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Notas a propósito de Ernesto Laclau.** Revista de Ciências Sociais. Montevédu, v.15, p.36-48, 1999.

REDE BRASIL ATUAL. **Lula comemora sucesso da greve geral: 'Não tem outro jeito senão continuar lutando'.** Online, 28/04/2017. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2017/04/lula-comemora-sucesso-da-greve-geral-nao-tem-outro-jeito-senao-continuar-lutando>. Acesso em: 23 ago. 2017.

SINGER, André. **Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas.** Novos estudos. CEBRAP nº. 97. São Paulo: nov. 2013.

_____. **Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos do lulismo.** Psicol. USP, abr. 2015, vol.26, nº.1, p.7-14.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TELLES, Helcimara. **Corrupção, legitimidade democrática e protestos: O boom da direita na política nacional?** Ano 8, número 30, julho-setembro 2015.